

HEIDEGGER: UM LEITOR DA METAFÍSICA CLÁSSICA

Cícero Paulino dos Santos Costa

RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo apresentar a filosofia ontológica, segundo a óptica de Martin Heidegger. Para isso, foi realizada uma leitura histórica da metafísica clássica apresentando suas reflexões acerca do ser em suas nuances e atributos, mas também elencando suas lacunas e limites. Na abordagem, percebeu-se que a metafísica, desde os seus primórdios, buscou estudar o ser enquanto ser na sua essência e fundamento. Parmênides foi o primeiro que, mesmo de forma embrionária, lançou tal reflexão, mas foi em Aristóteles que a ontologia clássica teve seu auge. Com sua metafísica, o estagirita compreendeu que o ser é essência, e sendo universal é constituído de substância e acidente, mediante uma contínua passagem de potência/matéria para ato/forma. Na contemporaneidade, tal definição foi colocada em prova por vários filósofos, dentre os quais destacaram-se Kant e Heidegger. O primeiro redefiniu-a como a “ciência dos princípios primeiros da natureza e da moral”; o segundo, como uma “imersão da própria existência nas possibilidades fundamentais do ser considerado em sua totalidade”. Heidegger entendeu que a metafísica não foi capaz de explicar o sentido do ser, daí a sua expressiva frase em *Ser e Tempo*: “é preciso colocar novamente a questão sobre o sentido do ser em evidência”. Ser é tempo, e, com isso, o existencialista, realizou, na ontologia contemporânea, uma grande reviravolta em relação à clássica, pois se, de um lado a metafísica clássica ignorou o tempo como mola e chave para a compreensão do ser, Heidegger colocou-o como condição *sine qua non* para sua explicação. O ser se realiza e se desvela, existencialmente, quando, mediante a uma analítica existencial, projeta seu estar-no-mundo e faz dele um incessante caminho sempre retomado. Cercado pelos entes, o *Dasein* entende que nada existe fora deles e que cuidando dos mesmos e de si mesmo se dá conta dessa condição de ser, pois, ser é também ser com-os-outros. Como coroamento dessa busca constante por sua autenticidade, Heidegger então explica a morte como consequência, que vem ao homem e o cerca como possibilidade real, não como o fim de um ciclo subjetivo, mas uma possibilidade ontológica que vem como essa realização do homem que no tempo é finito.

Palavras-Chaves: Heidegger. Ser. Tempo.

1 ELEMENTOS NORTEADORES DA CRÍTICA DE HEIDEGGER A METAFÍSICA CLÁSSICA

Heidegger foi, sem dúvida, um dos grandes pensadores da contemporaneidade. Nascido em 26 de setembro de 1889, na cidade de Messkirch na Alemanha, veio de uma família muito pobre. Seu pai, de nome Friedrich, era servente e sacristão da Igreja de sua comunidade, de onde, o filósofo mais tarde encaminhara-se e ingressara na Companhia de Jesus, logo abandonando já no noviciado. Sua morte deu-se em maio de 1976, em Freiburg.

Sua formação filosófica foi adquirida na Universidade de Freiburg-im-Breisgau, onde estudou com Edmund Husserl, seu mestre, e criador do método fenomenológico, e com Heinrich Rickert, culturalista neokantiano que se preocupou com a fundamentação metodológica da história. Heidegger doutorou-se em 1914, com a tese intitulada *A teoria do juízo no Psicologismo – Contribuição crítico-positivo à lógica*. Em 1923, assumiu uma das cátedras de filosofia na Universidade de Marburg, tendo grande notoriedade com suas discussões e textos referentes aos filósofos pré-socráticos, tais como Heráclito¹ e Parmênides².

Em 1927 publicou aquela que é, considerada por muitos, sua maior obra, embora inacabada, intitulada *Ser e Tempo*. Por tal feito, Heidegger projetou-se na contemporaneidade como o mais famoso representante da filosofia existencialista. Em 1928, retornou à Universidade de Freiburg, sucedendo na cátedra do antigo mestre Husserl. Em 1929, Heidegger publicou diversas obras entre as quais destacamos: *Que é Metafísica?*; *Kant e o Problema da Metafísica* e *Sobre a Essência do Fundamento*. Em 1933, devido à ascensão do nazismo e com ele a afirmação de Adolf Hitler na Alemanha, Heidegger foi elevado ao cargo de reitor da Universidade de Freiburg, onde o exerce de forma breve por apenas alguns meses.

Eis, pois, o quadro norteador da vida daquele que, de forma acintosa, criticou veementemente a metafísica em sua abordagem sobre o problema do ser. Por isso, faz-se mister, antes de qualquer crítica à metafísica clássica, apresentar de forma sintética e em linhas gerais o que consistiu o conceito de ser presente na mesma. Nosso intuito é recordar o conceito de ser, evidenciado pelos gregos, mas também

¹ Filósofo do século VI a.C, de uma cidade grega chamada Éfeso.

² Filósofo do século VI a.C, de uma cidade grega chamada Eléia.

elencar os vários aspectos que contribuíram para sua decadência ao longo da História da Filosofia, pois, como afirmara Heidegger:

“[...] a superação da metafísica corresponde o esforço de primeiramente aprender a prestar ao esquecimento do ser, para experimentá-lo, assumir esta experiência na relação do ser com o homem e nela conservar, então a pergunta ‘Que é Metafísica?’ permaneceria a indigência do esquecimento do ser, talvez contudo o mais necessário de tudo o que é necessário para o pensamento. (HEIDEGGER, 1969, p. 68)

2.1 Metafísica conceituação e apresentação

Etimologicamente, a palavra metafísica é formada a partir de duas palavras gregas chamadas: *metà* que significa *além* e *physica* que quer dizer *física*, *natureza*. Nessa condição a metafísica vem a ser a ciência que estuda as coisas para além da física, ou seja, as substâncias que não se encontram e não se restringem ao mundo físico, mas que estão além do mundo material, mundo fenomênico.

Aristóteles, ao morrer deixara sua biblioteca ao discípulo chamado Teofrasto, que por sua vez no fim da vida entregara a Neleu, juntamente com seus escritos e os de seu mestre. Este a transportou para Scepsi em Trôade, sua pátria. Devido à perseguição dos reis de Pérgamo e Alexandria, que desejavam enriquecer suas bibliotecas atualizando-as adquirindo as obras mais importantes do mundo daquela época, os herdeiros das obras de Aristóteles as esconderam-na em um subterrâneo, permanecendo ali abandonada e esquecida até cerca do ano 100 a.C, ano em que o bibliófilo Apelicone descobriu-a e as levou para Atenas. No ano de 86 a.C, quando a cidade de Atenas foi conquistada por Sila, este levou os preciosos escritos manuscritos para Roma, onde foram confiados a Andrônico de Rodes a fim de que ele cuidasse da edição completa. Andrônico catalogou-as e subdividiu-as em obras lógicas, físicas e metafísicas, morais e poéticas. Após a catalogação das obras de Aristóteles, que estariam no campo da física, Andrônico percebeu que as demais estariam após ou além dela, daí serem chamadas de metafísica.

Classicamente a metafísica é, considerada a parte da filosofia que se ocupa das causas³ últimas, dos princípios supremos constitutivos das coisas, pois sua grande preocupação é descobrir as razões supremas da realidade. Ao longo da história, tal definição foi modificada e redefinida de vários modos. Lembremo-nos da

³ As causas são: formal, material, eficiente e final.

definição clássica dada pelo mesmo Aristóteles⁴ que em linhas gerais chamou-a de ciência primeira ou ciência divina, definindo-a como “a ciência que estuda o ser enquanto ser e suas propriedades” (MODIN, 2006, p. 83) e mais “a ciência que investiga as causas primeiras e os primeiros princípios” (MODIN, 2006, p. 83) da realidade.

Na Idade Média, a metafísica foi associada à cristandade. O mundo medieval, dominado por conceitos gregos, sobretudo dos pensamentos de Platão e Aristóteles cristianizados por Agostinho e Tomás de Aquino, exprimiram suas verdades em Deus, como fundamento, princípio e fim, *alfa* e *ômega*⁵. O ser Divino, infinito, onipotente, onisciente e onipresente é o ser diante do qual as coisas existem e tem sua origem. Ele, numa visão metafísica, coincide com o conceito de substância aristotélica, diante do qual tudo é produto ou efeito desta grande causa. Ele é ato puro, ele é a substância eterna.

Na modernidade e contemporaneidade, tal concepção tem sua atualização e superação em Kant e principalmente em Heidegger, pois o primeiro a redefiniu como a “ciência dos princípios primeiros da natureza e da moral” (MODIN, 2006, p. 83), o segundo como “imersão da própria existência nas possibilidades fundamentais do ser considerado em sua totalidade” (MODIN, 2006, p. 83).

Assim, não é mais apenas a ontologia da experiência cristã originária que, em função do fato histórico da tentativa medieval de interpretação da verdade revelada das escrituras por meio da conceptualidade grega, se encontra aqui soterrada pela ontologia do mundo grego. Ao contrário, todas as ontologias ocidentais subsequentes se acham sob o domínio dessa ontologia e precisam, por conseguinte, conquistar os seus próprios campos de investigação em um confronto direto com ela. (CASANOVA, 2009, p. 55)

Nesta perspectiva, a superação e a atualização dos conceitos metafísicos são vistos na história da filosofia como o resultado dos sucessivos insucessos no que diz respeito à explicação clássica sobre o sentido do ser. Não obstante, vários são outros os fatores que também contribuíram para sua superação, dentro os quais destacamos: a desconfiança nas capacidades cognoscitivas do homem (ceticismo); a redução da consciência humana à experiência sensitiva (empirismo); a redução de toda a realidade à ordem material (materialismo); a crença no domínio da ciência em relação aos problemas humanos (positivismo); e por fim a redução da linguagem ao

⁴ Filósofo grego do século IV a.C.

⁵ Duas consoantes do alfabeto grego que exprimem a realidade de Deus. Deus na concepção da Idade Média é o ser no qual tudo é. É a substância diante da qual advêm todas as outras.

campo fenomênico do ser, pois como diria Heidegger “*a linguagem é a casa do ser*” (analistas da linguagem).

2.2 O Ser na Metafísica Clássica

Foi Parmênides, junto aos eléatas, o primeiro a lançar as bases de uma definição do ser. O ser foi entendido na sua filosofia como algo unívoco, cujo princípio foi caracterizado também pelo princípio de unicidade. O ser é aquilo que é. Somente o ser pode exercer a função de princípio, pois não é possível ir além dele.

“[...] ele é todo contínuo: o ser está pegado ao ser. Mas imóvel, obrigado aos limites de cadeias imensas, é o ser sem princípio nem fim, porque nascimento e morte foram repelidos para longe; afastou-os a verdadeira convicção. Permanecendo o mesmo no mesmo lugar, jaz em si mesmo e assim permanece imóvel porque q força invencível da necessidade o prendeu nas cadeias do limite que o envolve porque o ser não pode não ser completo; com efeito, nada lhe falta, porque se lhe faltasse alguma coisa, faltar-lhe-ia tudo. São a mesma coisa pensar e o pensamento que é. Porque, sem o ser, no qual é expresso, não encontrarás pensamento; pois fora do ser, ele não-é nem será coisa alguma. (PARMÊNIDES apud MODIN, 2008, p. 33)

Por isso não é possível nenhuma outra realidade, nem tão pouco o vir-a-ser, como afirmou Heráclito⁶ em sua metafísica, o que existe é a apenas aquilo que é, e sendo não pode vir-a-ser, porque já é.

Classicamente, Platão foi outro pensador da filosofia a dar também uma definição do ser, pois introduzindo o conceito de não-ser como diverso, justificou as multiplicidades dos seres inteligíveis. O ser é um gênero supremo, cujo evento participa todas as ideias enquanto são e de que diferem, enquanto são elas mesmas um outro-ser determinado, distinto do ser real. A verdade é a manifestação daquilo que verdadeiramente é, e aquilo que verdadeiramente é tem as características da necessidade, da imobilidade e da eternidade.

Ao criar sua metafísica e com ela a existência de dois mundos: inteligível e sensível, Platão então coloca o verdadeiro como aquilo que sendo é eterno, e sendo eterno é causa do sensível, cuja participação se dá mediante os graus de abstração e recordação. “[...] Para encontrá-la devemos refugiar-se nas ideias e considerar

⁶ Heráclito pensou o ser como algo não idêntico. O ser é o vir-a-ser. Nada é idêntico a si mesmo, o ser é mutável, pois “não somos os mesmos ao entrarmos num rio duas vezes, pois tanto a água, como nós, deixaram de ser.

nelas a realidade das coisas existentes”. (PLATÃO apud MODIN, 2008, p. 62) Existe portanto, um mundo de nome Ideias cujo ser é em essência verdade, o que existe no sensível são apenas cópias e sombras da essência dessa grade manifestação.

Mas foi com Aristóteles que a ontologia atingiu o seu auge, pois, superando a definição dos eleáta, define o ser com múltiplos significados. Ao definir a ontologia como o estudo do ser enquanto ser, o filósofo então esclarece que a filosofia primeira estuda as essências sem diferenciá-las em essências físicas, matemáticas, astronômicas, humanas, etc, pois compete às mesmas estudá-las como diferentes entre si.

“há uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe cabem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: com efeito, nenhuma das outras ciências considera o ser enquanto ser universal; com efeito, depois de delimitar uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte”. (ARISTÓTELES apud REALE, 2007, p. 197)

Segundo o filósofo, o verbo “ser” é ambíguo em várias dimensões, pois tudo o que existe é constituído por meio da substância⁷ e acidente⁸ mediante uma contínua passagem da potência/matéria para o ato/forma. Quando afirmamos que algo é, podemos estar dizendo o que ele é em atualidade ou o que é em potencialidade. Potência e matéria nesse caso são idênticas, assim também como a forma e ato. A matéria/potência é uma realidade passiva que precisa do ato/forma para criar os seres determinados, pois, o devir não é uma aparência nem uma ilusão, ele é o movimento pelo qual a potência se atualiza⁹. Em outras palavras, tudo está em contínuo da potência para o ato.

Diante disso, Aristóteles propôs dez categorias¹⁰, dentre as quais destacamos como sendo a mais fundamental a substância. O ser é aquilo que na atualização da matéria é em ato, e sendo, a metafísica não estuda o ente enquanto este ou aquele ente, mas o ente na sua diferença, variedade, diversidade, nos seus setores ou regiões, categorias determinadas e particulares, estuda o ente segundo o

⁷ A substância é entendida na ontologia aristotélica como sendo aquilo em que se encontra a matéria-potência, a forma-ato, onde estão os atributos essenciais e acidentais, sobre o qual agem as quatro causas. Em suma poderíamos afirmar ser o Ser propriamente dito.

⁸ Poderíamos entender acidente na ontologia aristotélica como uma propriedade ou atributo que uma essência pode ter ou deixar de ter sem perder seu próprio ser.

⁹ A matéria neste caso recebe a forma e muda de forma.

¹⁰ As categorias aristotélicas são: substância ou essência, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, lugar, tempo, ter, fazer.

qual o ente simplesmente é. Assim sendo a metafísica estuda o ser do ente, o ser diante do qual o ente é.

Sendo a metafísica a possibilidade da explicação do ser do ente, então ela é também a ciência do fundamento do ente, pois, explicar que o ser é aquilo pelo qual o ente é, significa dizer que ser é fundamentar o ente em suas nuances e atributos. A metafísica, nessa perspectiva, estuda o ente no seu ser, pois partindo do próprio ser, é ciência do fundamento do incondicionado do ente e de suas manifestações.

A metafísica é também a ciência da totalidade do ente visto a partir do ser, pois se tudo, e todo qualquer ente está fundado no ser, o ser é aquilo em que todo ente concorda, unifica-se e constitui a totalidade. O sentido desta totalidade se configura como imensidade, inultrapassabilidade e insuperabilidade do ser, pois fora do ser não há senão o nada, e o nada é o não ser. Fora do ser não existe nada, além do não ser nada existe.

Qualquer movimento, que vise a marcar a divisa, o limite do ser é movimento dentro do ser, pois pretender ir além do ser é retornar ao ser. Qualquer tentativa de superar o ser é reiteração do ser, e isso porque o ser é horizonte do absoluto, ele é unidade e totalidade em que todo ser, todo ente, o ente enquanto tal consiste. A metafísica é, portanto, a ciência do ente nesta unidade e totalidade, ela é a ciência da totalidade.

2.3 A inautenticidade da interpretação grega do sentido do ser

Introduz-nos Heidegger, sobre a questão do sentido do ser na antiguidade.

Todo o pensar do Ocidente filiou-se, de um ou outro modo, às ideias desenvolvidas por Platão e Aristóteles nas suas inquisições sobre o sentido do ser. [...] eles perderam o caráter problemático de questão aberta. Daí por diante a questão do ser caiu no esquecimento, o seu sentido deixou de ser alvo de investigação sistemática propriamente dita. [...] As inegáveis conquistas na decifração dos diversos fenômenos, que se verificam na história da metafísica, desde a Escolástica medieval até Hegel, realizaram-se, todas, sob o comando indiscutido desta mesma ideia de ser. (HEIDEGGER apud DOWELL, 1993, p. 166)

Heidegger então nos sugere: “É preciso colocar novamente a questão sobre o sentido do ser”. (HEIDEGGER, 1995, p. 24). Frase que não por acaso coloca-nos previamente com a sua filosofia e sobre sua preocupação em *Ser e Tempo*. Debatendo com os mestres do passado, Heidegger encarou uma nova ontologia não

pensada mais conforme a tradição clássica, mas através das lentes da contemporaneidade com novos métodos e conceitos. Recapitular a questão do ser significa, portanto, neste contexto, conferir à filosofia aquela autenticidade em relação a seu passado, não como aprimoramento dela, nem tão pouco um enriquecimento sobre o que já foi dito, mas, sobretudo, voltar às origens que a tradição manteve, esclarecendo suas falhas e apontando a horizontes mais profícuos.

Sempre procuraremos responder esta pergunta dando uma definição direta e cabal do ser; sempre nos esforçamos por apreender-lhe o sentido, dentro de uma determinação imediata e exaustiva de seu uso e de sua significação. Mas todas estas tentativas e esforços terminaram num fracasso. Por isso, tentamos sempre de novo, buscando caminhos indiretos através da filosofia, da arte e da religião, ou mediante as ordens do conhecimento com seus modelos, da ação com seus padrões, e do sentimento com suas vivências. (HEIDEGGER, 1995, p. 13)

Para entender a crítica de Heidegger, necessário se faz perceber, que o mesmo não negou que a metafísica tenha sido guiada por uma ideia vaga de ser, mas que a compreensão sobre a qual basearam-se os gregos, em toda investigação não fora posta em questão, quanto à interrogação sobre o seu sentido. “[...] A metafísica pretendia determinar o ser dos diversos gêneros de entes à luz de uma determinada compreensão vaga de ser” (DOWELL, 1993, p. 180).

Também foi ineficiente ao longo da história, sobretudo, na metafísica escolástica, em apontar uma dualidade entre essência e existência. Contudo, Heidegger não despreza as especulações de Aristóteles e da Escolástica sobre a noção de ser, como os princípios de analogia e do binômio de essência-existência, entretanto, tais questões não se identificam com a questão do sentido de ser, entendido por ele em sua filosofia. Elas ficarão em suspenso¹¹ por não determinarem o sentido do ser como tal. Ele vai além, faz metafísica resolvendo problematizar tal discussão e colocando na história da filosofia uma nova questão a ser discutida e resolvida.

Ao que nos parece, explicar o sentido do ser não é uma tarefa tão fácil para a metafísica, pois, se de um lado tínhamos a Lógica da Tradição, com suas leis bem elaboradas e categorizadas, do outro, existiu uma crítica a esse método de explicar o ser como objeto científico, por não haver objetividade e operacionalidade, isso

¹¹ Analogicamente faço essa suspensão comparando a *epoché* de Husserl.

porque a noção de ser transcende todos os gêneros organizados logicamente. Para Heidegger, o fato de a Tradição ter esquecido a questão do sentido do ser, demonstrou sua mentalidade de interpretar o mundo e entender o ser mediante suas postulações. “[...] seu questionar não atingiu o nível dos próprios fundamentos da metafísica” (DOWELL, 1993, p. 176). Sob seu domínio, o homem perdeu sua faculdade de interrogar e escolher, de entender e de ser entendido. Daí então resulta a necessidade de recolocar a questão do ser novamente em discussão, contudo, mais do que isso, é necessário uma nova ontologia capaz de entender eficazmente o seu sentido, em suas nuances e atributos.

O ponto de partida, segundo Heidegger, é o próprio ser, que mediante seu estar-no-mundo tem a incumbência de desvendar o enigma da existência. “[...] O ser pode ser determinado a partir de seu sentido como ele é mesmo” (HEIDEGGER, 1995, p. 13). O caminho, contudo, é evidenciado pela possibilidade de seu ser, que lançado no mundo (*Dasein*) realiza-se existencialmente quando se dá conta dessa condição. Segundo Heidegger, somente o homem possui essa capacidade, pois, transcendendo suas capacidades e transformando a si mesmo, ele é capaz de projetar suas ações e realizar suas reações.

No entanto, tal definição nem sempre teve como ponto de partida o homem mediante a reflexão fenomenológica de sua existência. E isso porque, ao longo da história, o ser foi entendido a partir do mundo, considerando como o conjunto ordenado das coisas, que se apresenta à nossa vista, na sua diversidade e nas suas conexões. Por isso, “para compreender o que é metafísica é preciso voltar aos seus fundamentos. [...] Somente se compreende a pergunta “Que é Metafísica? Quando se descobrem as razões, os fundamentos da metafísica” (HEIDEGGER, 1969, p. 15). Procuramos, com isso, através da reflexão metafísica o que significa ser. A resposta dada por Heidegger é que ser, antes de tudo, equivale a existir, já que não se concebe o ser senão em função da existência atual.

Deste primado resulta a ideia de uma ontologia que tem como traço fundamental o ser da realidade. Nesta perspectiva o ente é, antes de tudo uma coisa real, apto a constar como coisa entre as coisas presentes no mundo. Ser significa, portanto, atualidade como plena realização da coisa, ou seja, como sendo o ente em ato apresentando como o já realizado, produzido, efetuado. As coisas constituem, enfim, aquilo que permanece invariável, o substrato constante, através do

movimento e da alteração da natureza. O ser é interpretado como substancialidade, mesmo termo grego *ousia*¹² utilizado como suposto e essência, como a forma ou quididade, que define e circunscreve o ente.

Contudo Heidegger, em *Ser e Tempo*, elucida que a compreensão grega do ser como estar-aí não nos oferece o sentido original: “[...] a ontologia tradicional, designa o mesmo que ser simplesmente dado, modo de ser que não pertence à essência do ente dotado de caráter de presença” (HEIDEGGER, 1995, p. 77). Todavia, não se trata de uma definição sem fundamento nem tão pouco falsa. Ela corresponde, antes de qualquer coisa, a um o modo do ser-no-mundo do homem e do seu compreender ontológico. Se os gregos não conceberam o ser de forma autêntica é porque ambos não desenvolveram a questão do sentido do ser como hermenêutica do homem, entendido, por Heidegger, como compreensão do ser. A falta de uma ontologia, levou-os a assumir de forma ingênua a ideia imediata e ordinária que o homem tem de si mesmo.

O pensamento originário que retorna ao fundamento da metafísica, somente pode fazê-lo porque superou o objetivismo da metafísica que confundiu o ser com o ente e não pensa o próprio ser. Este somente pode ser pensado quando se parte da transcendentalidade do ser-aí, isto é, quando se leva em consideração aquela dimensão em que misteriosamente o ser se revela no ser-aí. Na dimensão em que se abre com o encontro do homem com o ser pode surgir a metafísica (HEIDEGGER, 1969, p. 15).

Tanto na interpretação vulgar como na filosófica, o homem é entendido pelos gregos como *zoon logon echon*¹³, ou seja, o ser vivo, caracterizado pela capacidade de expressar-se. Esse dizer algo de algo, é, portanto o modo de ser do homem, que serve de fio condutor para a interpretação do ente, que se manifesta em tais condições. A proposição predicativa (*logos*) funda-se, por sua vez, na pura visão ou apreensão intelectual (*noein*). O ser do ente é o seu aspecto, ideia ou forma (*eidos*) que se oferece à percepção intelectual, e só este contemplar pode descobrir o ser. O ente nesta conjuntura é entendido como sujeito, que se conhece pelas diferentes determinações que nele se predicam.

A concepção grega do conhecer como visão intelectual, expressa no juízo predicativo, culmina no ideal do conhecimento matemático próprio da filosofia cartesiana e da ciência moderna. Para Heidegger, Descarte foi perfeitamente

¹² Termo grego que significa substância.

¹³ Expressão latina que significa; animal que possui o logos, ou a razão.

consequente ao propor a maneira autêntica de aprender o real, “o ser do ente será aquilo que é acessível ao conhecimento matemático, que corresponde às exigências de perfeita racionalidade” (DOWELL, 1993, p.163) A interpretação grega do ser do que está aí no mundo, e à luz do *logos*, como proposição predicativa, confirma a tendência geral a decair no mundo, que Heidegger põe em evidência na sua análise do ser do homem como cuidado.

O fenômeno que está na base da metafísica ocidental, é identificado, e situado no seio da interpretação fundamental do eis-aí-ser¹⁴. Trata-se do decaimento, da elucidação teórica da estrutura ontológica da existência e do sentido de ser em geral. A determinação filosófica do ser do ente consiste, necessariamente, num conhecer teórico. Mas, se a interpretação do ente intramundano em vez de partir do fenômeno originário do lidar cotidiano, tal qual ele se manifesta no plano pré-predicativo, toma o próprio conhecer, como fio condutor, ela passa forçosamente por cima do fenômeno existencial do mundo e, por conseguinte, não percebe a própria estrutura do ser-no-mundo.

O ser do ente é compreendido então como estar aí à vista. O homem, como ente que conhece, entende-se correspondentemente como eu substancial. Sua interpretação ontológica parte não do seu ser próprio, mas sim do ente intramundano que nele se desvela.

2.3.1 O tempo como horizonte da interpretação tradicional do ser

A tarefa de Heidegger, para além de indicar a compreensão do ser, é descobrir o fundamento de seu sentido. “[...] a intenção metafísica deve desenvolver-se na totalidade e na situação fundamental da existência que interroga” (HEIDEGGER, 1969, p. 22).

A grande novidade está na relação entre o sentido de ser e o tempo, pois, se o sentido de ser é dado em uma compreensão do ser, e se o homem e seu compreender são essencialmente temporais, a ideia de ser deve estar também em íntima relação com o tempo. O tempo é o horizonte da compreensão do ser em geral. A interpretação clássica do ser, dada pelos gregos, moveu-se sem ter dado

¹⁴ Expressão utilizada por Manfredo Oliveira no livro intitulado *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. O eis-aí-ser seria, portanto esta capacidade de o ser-aí, de conduzir seus caminhos mediante do seu decaimento no mundo.

conta do horizonte do tempo como elemento norteador. A temporalidade existencial, que constitui o sentido do ser do homem, não foi desvendada pelos gregos, e isso porque a análise aristotélica não se apoiou na temporalidade originária, mas recorreu ao fenômeno secundário do tempo mundano, que se manifesta no cuidar do que está à mão.

Esse tempo intramundano não foi interpretado autenticamente, pois viram o tempo apenas como uma pura sucessão de agoras. Em função desta noção de tempo é circunscrito o sentido do ser em geral e dos diversos modos de ser. A existência do ente é o seu estar-aí, a sua presença é atualidade no mundo e sua essência é aquilo que não passa, não muda permanece constantemente presente.

[...] sentido de ser corresponde a um entender que é essencialmente “ver”, no sentido de presenciar [...] O sintoma mais evidente desta determinação temporal do sentido de ser é a própria expressão *ousia* ou *parousia*, que significa, propriamente, “apresentação”, “presença”. (HEIDEGGER, 1995, p. 129)

Segundo Heidegger, o tempo desempenha o papel de critério para a distinção das diversas condições do ente. Conseguimos distinguir entre o ente temporal e o atemporal mediante os acontecimentos históricos da existência e as relações numéricas pela matemática. Temporal é, neste sentido, tudo aquilo que existe no tempo. O que existe são os modos do ser do ente, que em função da temporalidade, indica a própria ideia de ser. Diante disso, o filósofo existencialista, explica que sem se dar conta desta conexão a filosofia grega considerou o tempo apenas como um ente entre os demais entes, e tentou interpretá-lo a partir da própria ideia de ser, obtida já em função do cronos.

2.4 O retorno ao fundamento da Metafísica

Na sua obra *O que é Metafísica*, Heidegger afirma: “o ser não foi pensado em sua essência desveladora, isto é, em sua verdade” (HEIDEGGER, 1969, p. 62), pois, na medida em que a Metafísica representou o ente enquanto ente, ela não pensou o próprio ser. E continua:

“[...] na medida em que um pensamento da Metafísica, na medida em que um pensamento procura pensar na própria verdade do ser, em vez de apenas representar o ente enquanto ente, ele abandonou, de certa maneira, a Metafísica” (HEIDEGGER, 1969, p. 62).

No pensamento da verdade do ser a metafísica não mais se sustenta, por isso tornar-se impossível a pretensão da mesma de explicar o ser e de determinar adequadamente toda a relação com ente enquanto tal. Por isso falar em desenvolvimento da questão da verdade do ser, ou de uma superação da metafísica, significa pensar no próprio ser.

O que se deve decidir é se o próprio ser pode realizar, a partir da verdade que lhe é própria, sua relação com a essência do homem ou se a metafísica, desviando-se de seu fundamento impedirá, no futuro, que a relação do ser com o homem chegue, através da essência desta mesma relação, a uma claridade que leve o homem à pertença ao ser. (HEIDEGGER, 1969, p. 65).

A metafísica clássica sempre expressou o ser, mas nunca levou o ser a falar em sua verdade, e a verdade como desvelamento em sua essência. A essência da verdade sempre apareceu como uma forma derivada da verdade do conhecimento e da enunciação. O desvelamento do ser ficou obscuro, por isso não respondeu à questão da verdade do ser, porque não a suscitou como questão.

Os seus enunciados se desenvolveram de maneira estranha, pois, trocou, desde o início o ente pelo ser¹⁵. Em consequência disto, foi à confusão generalizada quando a metafísica afirmou ter realmente ter posto a questão do ser em evidência. Por isso “o pensamento suscitado pelo ente enquanto tal, que por isso representa e esclarece o ente, será substituído por um pensamento instaurado pelo próprio ser e por isso dócil à voz do ser” (HEIDEGGER, 1969, p. 65).

A grande questão discutida por Heidegger, em *Ser e Tempo*, é de colocar ou situar o pensamento num caminho cuja marcha alcance o interior da relação da verdade do ser com a essência do homem. Neste caminho, torna-se necessário uma reflexão sobre a essência do homem, pois a experiência do esquecimento do ser, ainda não expressou o seu conceito, pois conforme o desvelamento, a relação do ser com o homem pertence à esfera do próprio ser. A relação do ser com a essência

¹⁵ Heidegger entende que a reflexão sobre o ser na metafísica clássica é desnecessária. O ser é universal, é atemporal, então ele propõe fazer uma nova metafísica evidenciando ente, que por si só é temporal. Não se trata de trocar no sentido de evidenciar ou no sentido de confundir, mas, trata-se de colocar em “destaque” na reflexão. Em outras palavras, Heidegger propõe em analisar o ente e deixar o ser no seu canto.

do homem situa o homem enquanto homem. Em vez da consciência, elemento muito presente na ontologia clássica, Heidegger nos propõe a existência, com a expressão *ser-aí*, que significa em linhas gerais atualidade, realidade, objetividade. O *ser-aí* é designado como o lugar da verdade do ser, cujo ser se desvela e deve ser pensado, pois “a essência do *ser-aí* consiste em sua existência” (HEIDEGGER, 1969, p. 70).

O caminho, no entanto, é evidenciado na esfera do “fora de”¹⁶, que significa dizer que precisamos buscar não apenas no ser, mas fora dele, mediante sua preocupação do estar no mundo. É preciso insistir onde o ser estar coberto, velado e pensa-lo como unidade com plena essência da existência.

[...] o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela in-sistência existente no desvelamento do ser a partir do ser e no ser. A essência existencial do homem é a razão pela qual o homem representa o ente enquanto tal e pode ter consciência do que é representado. (HEIDEGGER, 1969, p. 72)

Nesta perspectiva a consciência de seu ser pressupõe a existência pensada como essência, pois a existência consiste no modo de ser do próprio homem, que é na medida que é e se propõe a ser.

2.5 A descoberta da noção de verdade

A questão da busca da verdade sempre foi, para filosofia, o seu grande objeto de estudo. Muitos afirmaram ser ela possível, outros ainda, imbuídos por um ceticismo afirmou ser ela impossível. Se a verdade existe ou não como algo objetivo não nos compete afirmar, no entanto, o que podemos dizer, é que a metafísica clássica pensou-a e definiu-a na expressão grega *aletheia*, que em linhas gerais significa a revelação daquilo que se apresenta, o seu desocultamento, o seu mostrar-se. Heidegger, mediante a aplicação da fenomenologia, a entendeu como a proclamação das próprias coisas, caracterizada por esse deixar que os fenômenos se manifestarem e por seguinte, pôr-se diretamente à escuta da mensagem do ente,

¹⁶ Essa expressão “fora de” significa o meio pelo qual o ser se desvela. Para Heidegger o “fora de”, ao contrário como pensou a metafísica clássica, associando ao nada, ou seja, ao não ser, não é concebido como um afastar-se da interioridade da imanência da consciência e do espírito, mas, é entender a existência a partir do insistir no fora do *aí* do desvelamento que é o modo de o próprio ser acontece.

em vez de tentar enquadrá-los em categorias pré-determinadas ou de construir teorias sem o fundamento dos próprios fenômenos, estabelecendo-as em seguida como o sentido das coisas.

Tal aspiração de deixar os fenômenos anunciarem, por si mesmo, o seu sentido, implica que a verdade, meta de toda ação filosófica, não significa senão aquilo que os gregos chamaram de *aletheia*, o desocultamento do ente. Tal conexão entre a verdade como *aletheia* e a ideia de fenomenologia, manifesta-se claramente em Heidegger, quando o mesmo remonta o sentido grego de fenômeno e razão. O significado da expressão fenômeno diz respeito àquilo que se mostra a si mesmo, o que se mostra é o ente ou o ser do ente com suas estruturas ontológicas. Diante disso, a verdade no significado primeiro de *aletheia*, não passou apenas de uma manifestação ou de uma luminosidade, uma relação, e isso porque para os clássicos a verdade foi concebida como a concordância ou uma conformidade entre o pensamento e o objeto.

Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da pre-sença de tal maneira que, em si mesma, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser. Trata-se de apreender ainda mais precisamente a estrutura existencial. (HEIDEGGER, 1995, p. 200)

Diferente de como pensou os gregos, Heidegger colocou a verdade como um princípio de entendimento que se descobre mediante o aparecimento do ente, enquanto fenômeno nas suas exposições. A verdade, ou seja, o que é, é aquilo que o ente manifesta, é aquilo pelo qual compreendemos com um descobrir que é sempre verdadeiro. O fenômeno da verdade não se situa, portanto, ao nível do juízo, como pretendeu a lógica tradicional, mas no plano pré-conceitual e pré-predicativo do simples compreender. Tal concepção foi, reconstruído por Heidegger, que em suma concebeu a verdade como o aparecer do ser diante de sua obscuridade, ela é descobrimento do ser.

Tal noção de verdade permitiu a Heidegger superar a oposição existente entre sujeito e objeto na filosofia. A verdade afirma Heidegger, é “o aparecer do que aparece” (HEIDEGGER apud DOWELL, 1993, p. 120) Compreendê-la é deixá-la aparecer, e descobrir sua manifestação. A superação da noção de verdade, como a concordância entre o objeto e o sujeito, pela manifestação do ente no seu compreender, conduz o filósofo ao abandono da noção de ser como objetividade e,

por conseguinte, à superação do problema da possibilidade de uma verdade absoluta. A verdade não é mais aquilo que é em essência, mas uma interpretação do sentido do ser que se mostra em seu fenômeno.

2.6 O conceito metafísico do nada e a crítica de Heidegger

A discussão sobre o nada tem suas raízes na filosofia de Parmênides, que afirmando que o ser é uno e indivisível, prefigurou o nada como a negação absoluta do ser em sua totalidade, cuja essência consiste na sua identidade de ser, sem oposição e contradição. Diante disso, a metafísica clássica pensou o ser como aquilo que se pondo, opõe-se absolutamente ao não-ser. Tudo é ser e ser é tudo, nada existe onde o ser não é. Por tanto o nada é o não-ser, e do não-ser nada se vem, nada existe, “o nada foi entendido como a negação da totalidade do ente, o absolutamente não-ente” (HEIDEGGER, 1969, p. 26)

Diante disso, Heidegger em sua obra *Que é metafísica*, recolocou a questão do nada como outro grande problema a ser discutido, isso porque “o nada é justamente rejeitado pela ciência e abandonado como elemento nadificante” (HEIDEGGER, 1969, p. 24). Segundo o filósofo, a ciência¹⁷ não interessou-se pelo nada, pois, ocupou unicamente do ser. No entanto, ele afirma: “A ciência não quer saber o nada. Mas não é menos certo também que, justamente, alí, onde ela procura expressar sua própria essência ela recorre ao nada. Aquilo que ele rejeita, ela leva em consideração” (HEIDEGGER, 1969, p. 24). Disso resulta a ineficiência da lógica em explicar o nada, pois, presa apenas ao campo do ser, não foi capaz de ver no nada uma possibilidade de algo que existe. “[...] que a lógica seja a última instância, que o entendimento seja o meio e o pensamento o caminho para compreender originariamente o nada e para decidir seu possível desvelamento”. (HEDEIGGER, 1969, p. 26)

Nesta perspectiva é possível compreender que o nada foi admitido na filosofia heideggeriana, não como propusera a ciência lógica, que conceituou como aquilo que não existe, mas como algo que, assim como ente, é alguma coisa. Ao perguntarmos pelo nada, pela sua essência e seu modo de ser, o entenderemos

¹⁷ Entendemos a ciência como a Lógica aristotélica. Em outras as palavras como um não interesse para com tal questão.

como uma possibilidade daquilo que pode ser do ente, portanto, não é preciso rejeitá-lo como uma contradição.

O nada visita o *ser-aí*, quando diante da angústia vê-se que diante de si existe a possibilidade de sua revelação e transcendência, pois como afirmara Heidegger: “Ser-aí quer dizer: estar suspenso dentro do nada” (HEIDEGGER, 1969, p. 35), pois, no ser do ente acontece na possibilidade do nada. Revelando-se na angústia, já que a mesma revela-se no nada, deparamo-nos com o ente em sua totalidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, foi nosso objetivo apresentar a filosofia ontológica segundo a óptica de Martin Heidegger. Com tal temática detivemo-nos em explicar o ser em suas nuances e atributos, apresentando como o único ente que interroga quanto a sua existência. O ponto de partida para tal compreensão foi o próprio ser que, mediante o seu estar-no-mundo, possui o *múnus* de desvendar o enigma da existência. O caminho foi iluminado por uma leitura da metafísica clássica pela óptica da contemporaneidade, mas, sobretudo, com um olhar de Heidegger que, com sua filosofia, colocou novamente a questão do ser em evidência.

À luz de *Ser e Tempo*, propiciamos essa volta à ontologia clássica a fim de recolocar a discussão sobre o ser em questão, pois, para pensar uma ontologia na contemporaneidade, faz-se mister esse voltar, afim de compreender suas lacunas e inexpressões. Como vimos, ao longo deste trabalho, com Heidegger a discussão do ser, vem novamente à tona, não como um simples aprimoramento da metafísica, nem tampouco uma atualização, mas como uma reflexão de um fazer ontologia com algo bem peculiar ao ser, cuja essência se dá em seu existir. O ser agora é tempo, pois, diante do seu projeto, tem consciência de que tudo é possibilidade para seu ser e que lançado no mundo (*Dasein*), realiza-se existencialmente quando se dá conta dessa condição e assim o faz. Transcendendo suas capacidades e transformando a si mesmo, ele é capaz de projetar suas ações e realizar suas reações.

Eis, pois, o quadro norteador para a construção de uma nova ontologia fundamental na contemporaneidade, pois, se Heidegger então compreendeu que ser é tempo, ele não pode ser ou parecer ser apenas uma simples presença; como também não pode ser concebido como algo já definido e dado em essência com categorias já estabelecidas, como afirmaram os gregos com sua metafísica. Mais do

que isso, precisamos colocar o ser como algo que se define num constante movimento dialético perante os anseios e projeções.

Tornou-se, neste contexto, desnecessário refletir e discutir o ser, entendido na filosofia clássica como universal e metafísico. Pois, se em Heidegger existe um distanciamento do ser metafísico, cujo fundamento foi assegurado nas realidades ultrassensíveis, por outro lado, existe uma forte evidência de uma conexão do ente em relação ao ser, colocado como o único que interpela perante si mesmo. Ser é tempo e, sem tempo, não há existência, por isso ele não pode ser concebido a partir de realidades ultrassensíveis. Ser significa existir no tempo que, por sua vez, se configura por misturar essência e existência de maneira que essa última caracterize e defina uma essência num espaço cujo ser é sempre temporal.

Sua legitimação, portanto, é retirada de uma esfera puramente essencialista e colocada numa outra que, não por acaso, Heidegger é enquadrado como um dos seus representantes, na existência (existencialismo). A máxima que coloca o ser em evidência não é mais “aquela de uma essência que determina a existência”, princípio metafísico muito evidenciado pelos filósofos clássicos e cristãos, mas agora da existência que, perante o mundo circundante determina-se e, mediante o seu estar-no-mundo, direciona sua essência; nesta perspectiva, “a existência precede a essência”.

Não obstante, buscou-se uma verdade distante do tempo, afirmaram ser ela atemporal. Devido a essa condição, Heidegger ousou ir além, o que o levou voltar às origens e a retomar a questão do sentido do ser. Sua grande novidade deu-se em repensar a metafísica contemporânea a partir de uma analítica existencial, que em linhas gerais, pretende ser uma ontologia fundamental, uma análise do conceito de ser no horizonte do tempo. Não resumindo a compreensão do ser a sucessões de antes e agora, mas, como um processo dialético de desvelamento. Nesse contexto, torna-se impossível pensar numa ontologia heideggeriana sem a presença do tempo, pois, ele é crucial para a questão do ser.

Com essa nova perspectiva de entender metafísica, a ontologia adquire caráter de fenomenologia, pois, vendo os fenômenos de outro modo, permitindo ver aquilo que se mostra liberado de seus encobrimentos, alcançamos uma hermenêutica da interpretação do *Dasein* no mundo do qual ele faz parte. Eis, pois, o grande projeto de Heidegger para se fazer ontologia, pois não se trata apenas de

uma simples análise do ser em essência, mas de um ser que, determinando-se, torna-se existência. O ser é aquilo que ele se propõe a ser.

Por tudo isso, Heidegger se configurou na contemporaneidade como um dos grandes críticos da metafísica, bem como o autor de uma nova compreensão da metafísica enquanto analítica existencial. Com sua ontologia fundamental, ele colocou mais próximo de nós aquilo que os antigos esqueceram. Somos essência, nos construímos mediante nossas ações e intenções, projetos e caminhos. Por isso a existência é essa grande casa escura e sem luz, ela é obscura e tudo vai depender dos caminhos a serem traçados e das decisões a serem tomadas. Quanto mais nos aproximamos de nossas verdades e a elas nos elevamos e direcionamos, mais seremos cercados da luz que nos condiciona às possibilidades. E, quanto menos queremos acender as velas das possibilidades e dos anseios, menos serão as possibilidades de enxergarmos nosso ser como algo possível. Então cairemos naquilo que Heidegger chamaria de vida banal ou vida inautêntica, que se configuraria, portanto, nessa incapacidade de construirmos nossos projetos e os realizarmos como elementos únicos para nossas vidas. Seria, portanto, essa consciência de uma possibilidade que vem a nós como impossibilidade, ou seja, uma consciência negativa da realidade vigente da qual não superamos nem superaremos.

Se Heidegger conduziu-nos a esse caminho de forma autêntica, não podemos afirmar, não é nosso intuito, nem nos compete fazermos tal juízo; mas, o que podemos dizer é que ele colocou mais próximo de nós uma definição que estava distante e longe demais para ser fundamentada. Não precisamos ir além para explicar uma coisa que é tempo, não precisamos mais recorrer a princípios metafísicos para buscarmos uma essência que por si é passível de crítica. Como conceber um ser metafísico se ele não é tempo? Como pensar uma essência sem associá-la a uma existência com projetos e possibilidades? Diante disso, a metafísica torna-se tempo, o ser é poder-ser, o nada, por mais que a ciência o tenha ignorado, existe como condição necessária para o desvelamento do ser.

Por tudo isso, Heidegger foi, sem dúvida, um dos grandes pensadores da contemporaneidade, pois, com sua metafísica, colocou a filosofia num patamar que até então não se tinha alcançado. Uma filosofia que prima pelo saber, pois norteando todo o itinerário na busca de uma compreensão autêntica do ser, não se

prende a determinados conceitos, mas vai além dos horizontes daquilo que a razão alcança e enxerga.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicolas. **História da filosofia**. 4. ed. Lisboa: Presença, 2001. (vol. 12)

_____. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLANC. Malfada de Faria. **Introdução à ontologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e Obras. In: **Heidegger**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção os pensadores)

DOWELL, João A. Mac. **A gênese da ontologia fundamental de M. Heidegger**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção filosofia)

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário; 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. (parte I)

_____. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. (parte II)

_____. **Que é metafísica**. 7. ed. São Paulo: Duas cidades, 1969.

_____. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Os pensadores**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. Sobre a essência do fundamento. In: **Os pensadores**. Tradução Ernildo Stein. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

_____. **Marcas do caminho**. Tradução Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Tradução Marcos Antônio Casanova. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

INWOOD, Michael. **Heidegger**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção mestres do pensar).

MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1977. (v. 3)

_____. **Curso de filosofia.** 15. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (v. 1)

_____. **Introdução à filosofia.** 16. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MOLINARO, Aniceto. **Léxico da metafísica.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

NUNES, Benedito. **Heidegger & ser e tempo.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea.** São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção filosofia)

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luis. **História da filosofia.** 15. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da filosofia:** De Nietzsche à escola de Frankfurt. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (v. 6)

_____. **História da filosofia:** Filosofia pagã antiga. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (v. 1)

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre o ser e tempo.** Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. Heidegger. *In*: PECORARO, Rossano. **Os filósofos clássicos da filosofia:** de Kant a Popper. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. (v. 2).

